

Leituras e sociabilidades em Pernambuco no século XVIII

Gilda Maria Whitaker Verri
UFPE¹

Resumo:

As transformações ocorridas no mundo Ocidental no campo das idéias e das inovações trouxeram para a Capitania de Pernambuco 846 livros autorizados pela Real Mesa Censória entre 1769 e 1800. Os exemplares formaram um repertório definido pelos princípios políticos da Coroa Portuguesa e da Igreja Católica, destinado aos homens de letras, professores ou ocupantes de cargos administrativos. Olinda, Recife e Goiana foram centros irradiadores, tendo bibliotecas conventuais como reservas do pensamento, de onde partiram as ações culturais e políticas e a disseminação da leitura, com leves traços da cultura "ilustrada", que se delineava em Portugal. Os pedidos de autorização registraram a hierarquia dos assuntos. Teologia em primeiro lugar, seguidos de belas-letas, ou literatura, filosofia, direito, gramática, biografia, dicionários, poesia, oratória, história, geografia, história sagrada, teatro, medicina e farmácia, botânica, ciências e artes, matemática, almanaques, arquitetura, física, economia, notícias de jornais.

Palavras-chave: História do Livro - Pernambuco; História da leitura - Brasil Colônia; Ilustração e Cultura - Pernambuco século XVIII

Abstract:

The changes that occurred in Western world in the field of ideas and innovations brought to Pernambuco Capitania 846 books authorized by Real Mesa Censoria between 1796 and 1800. The copies built together a repertoire established by Portuguese Crown and the Catholic Church principles, in the interest of intellectuals, teachers and administrative officers. Conventual libraries in Olinda, Recife and Goiana were irradiative centers, and reserves for the thinking, from where cultural and political actions took off, and the reading practices spread, revealing aspects of the "illustrated" culture that was arising in Portugal. The requests authorization registered the hierarchical subject order. Theology comes in first place, followed by fine-letters, or literature, philosophy, law, grammar, biography, dictionaries, poetry, oratory, history, geography, sacred history, theater, medicine and pharmacy, botanic, science and arts, mathematics, almanac, architecture, physic, economy, newspapers.

Key Words: Book history - Pernambuco; Lecture history - Brasil Colony; Illustration and Culture - Pernambuco 18th Century.

A expressão **pretender mandar livros para o Porto de Pernambuco** era usada por mercadores, livreiros, religiosos, advogados, médicos. Em letra do século XVIII, constava em requerimentos dirigidos à Mesa de Censores Régios ou Real Mesa Censória (1768-1787) instituída por D. José I, renomeada Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame dos Livros (1787-1796) no reinado de D. Maria I, por fim, chamada Real Mesa Censória (1796-1821) durante a regência e o reinado de D. João VI. De Lisboa, para embarque em naus e bragantins, listas e petições datadas e assinadas davam informações sobre livros autorizados por censores, presidente ou secretário da Mesa, dizendo: **Concedem a licença que pede para o que se passe ordem**. A movimentação das obras era controlada pela Mesa para o envio e, caso necessário, para a devolução.

A leitura das petições propiciou informações sobre as leituras dirigidas à Capitania. Revelava sobrenomes de autores, palavras de títulos, edições de livros (VERRI, 2066) que, selecionados na Metrópole, destinavam-se a alguns membros da sociedade colonial instalada em Pernambuco. Em terras onde o analfabetismo se estendera por quase todos os habitantes, os leitores de além-mar talvez não soubessem que um exemplar representava o produto de um trabalho coletivo, caracterizado pela fabricação do papel, pela produção intelectual, pela forma, impressão e ilustração dos escritos. Talvez nem considerassem o controle dos censores que avaliavam cada original manuscrito e concediam ou não autorização para imprimir textos em oficinas tipográficas, com sua hierarquia de ofício, organizadas para confeccionar objetos definidos como livros.

Para poucos, a simultaneidade entre a impressão na Metrópole e a circulação no Ultramar encurtava distâncias oceânicas. Para outros, esses objetos demonstravam autores e assuntos em contraste com a raridade e insuficiência de exemplares para uma população em formação intelectual, sem imprensa. Em Lisboa, livreiros projetavam-se como editores de catálogos, de obras originais ou traduzidas e, para distribuição e venda de produtos impressos, ocupavam mercadores, negociantes ou comerciantes de vários calibres como intermediários. Os livros

singravam mares e corriam a proporcionar leitura entre pessoas das vilas, em conventos de Olinda e de Goiana, em residências, em pontos de venda de quinquilharias, no Recife. Assim, trazidas em embarcações que transportavam mantimentos e mercadorias, as representações simbólicas da produção de uma época chegaram a Pernambuco. Entre 846 títulos remetidos nos anos 1769, 1795, 1796, 1799, a relação de autores escolhidos demonstrava as condições de possibilidade ou de impossibilidade de apropriação da leitura.

A ordem de preferência dos assuntos dava à teologia o primeiro lugar, seguido das belas-letas, [literatura], filosofia, direito, gramática, biografia, dicionários, poesia, oratória, história, geografia, história sagrada, teatro, medicina e farmácia, botânica, ciências e artes, matemática, almanaques, arquitetura, física, economia, notícias de jornais. Quase sempre em língua portuguesa, os impressos enviados eram reduzidos a um exemplar por título. Dosados em pequenas quantidades, os livros deslocados para um meio patriarcal e aristocrático (FREYRE, 1966) traziam algumas vezes a indicação de preço, após a página de rosto, e destinavam-se a uma pequena parcela da população.

Eram homens com profissões ou atividades distintas: administradores, bacharéis, militares, representantes do clero secular ou regular, padres-mestres, médicos que, entre si, guardavam interesses, preferências, inquietudes e percepções culturais comuns. Alguns se reuniam por um dia, por uma tarde, por algumas horas, para ler, recitar orações e poesias, compor, tocar instrumentos musicais. Os encontros eram em salas ou em “academias”, modelos copiados do tempo de D. João V, em voga em Lisboa também em Salvador e no Rio de Janeiro (COSTA, 1983, v. 6, p. 357). As reuniões ampliavam ou igualavam as informações, davam visibilidade aos textos escritos ou falados e às partituras, que proporcionavam recitais, em um ambiente considerado erudito, embora decorrente de vida religiosa, ou de sociabilidade oriunda das funções administrativas.

A Igreja tinha papel preponderante ao lado dos representantes diretos da Coroa na formação de uma sociedade onde apenas uma pequena parcela da população sabia ler e escrever. Além das cerimônias religiosas e da leitura dos livros



de devoção, vida de santos, bíblia e missais, a capacidade oratória de padres e bispos com frequência atraía aos templos pessoas do lugar para ouvirem sermões sobre a fé, a graça, a vida, a morte, o trabalho, a política, as questões econômicas e sociais. Falado ou escrito, o sermão era um importante meio de comunicação e de aprendizagem no Antigo Regime (MARTINS, 2004). Nas igrejas, em lugar elevado nas paredes laterais, o púlpito era construído para ser ocupado por pregadores da arte de bem dizer sermões, de difundir reflexões, conceitos, informações, idéias em torno da consciência religiosa e política, favorecendo a descoberta ou o sentido do tempo. Verdadeiras redes de comunicação entre prelados e fiéis eram estabelecidas. Do pequeno espaço, da tribuna, a autoridade religiosa falava, persuadia, alertava e, de forma ritualizada, teatralizada, orientava pessoas de níveis de percepção, de estados de alma ou de entendimento diferenciados, provocando manifestações, emoções, revelações, escolhas, rupturas, fugas e direções para a vida cotidiana.

Com a intenção de manter o preparo dos clérigos e a arte da eloquência sagrada foram enviados por prováveis negociantes, ou prelados, em 1769, **Elementos de invenção e locução retórica, ou princípios da eloquência**, do oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo que desempenhava atividade didática, na Congregação, além da presidência da Mesa Censória. **Panegíricos, e outros sermões**, de Esprit Flechier, autor de várias obras, incluindo orações fúnebres. Mais: **Sermons**, de Jean-Baptiste Massilon, Bispo de Clermont. Também **Novas observações sobre os diferentes métodos de pregar, impressas em francês no ano de 1757, e traduzidas em português por F. P. D. S. A.**, isto é, segundo Innocencio Francisco da Silva, em seu Dicionario Bibliographico Portuguez, a tradução seria do Frei Pedro de Souza Augustiniano, que revelava na introdução o abandono aos sermões, daí a importância da versão.

Havia muito a transmitir aos da terra. Portanto, textos impressos serviam de fonte de conhecimento aos pregadores beneditinos, carmelitas e capuchinhos, como indicam as petições de 11 remetentes que, em 1796, enviaram 14 sermões em português, entre os quais chama a atenção uma **Colecção dos melhores sermões escolhidos dos mais celebres pregadores**. Ainda, do francês, de grande aceitação na

Colônia, Esprit Fléchier, Arcebispo de Nîmes, pertencente à Academia Francesa, foram enviados os **Sermons sur differens sujets**². A quantidade de sermões enviados demonstra que o fascínio da oratória desenvolvido pelos representantes da Igreja mantinha papel preponderante nas comemorações, nos círculos e recintos religiosos da Capitania. Na ocasião, foi enviada **Selecta Latini Sermonis Exemplaria**, organizada por Pierre Chompré, contendo textos muito utilizados em classes de gramática.

Em 1799, vieram: **Compendio da theologia moral evangelica, para formar dignos ministros do sacramento da penitência e espirituales directores**, ainda, o **Compêndio da história do antigo e novo testamento, com as razões, com que se prova a verdade da nossa religião**, além da **Escola moral, politica, christã, e jurídica**, autoria de Diogo Guerreiro Camacho de Aboim, também o **Sermão do banquete com o Santissimo Sacramento manifesto**, escrito por Feliciano dos Anjos, e a **Arte de prégar, ou verdadeiro modo de prégar, segundo o espírito do evangelho**, bem como o **Sermão de Sam Bernardo no seu dia**, ambos de Manuel de Matos Botelho, e os **Sermoens e praticas**, do oratoriano Manuel Bernardes. Do franciscano Manuel da Epifânia veio o **Verdadeiro methodo de pregar**, e do frei Bento de Nossa Senhora, **Elementos de arte oratoria, ou principios da rhetorica portugueza**, assim como, o periódico **O thesouro dos pregadores: semanario religioso, scientifico e noticioso**, e **Panegyricos e discursos evangélicos, e os Sermoens sobre diversos assumptos**, de Francisco do Coração de J. C. Vanzeller, obra em cinco volumes. Sem indicação de autoria, foi remetida **A voz do pastor: discursos familiares de um paroco aos seus fregueses para todos os Domingos do anno**. Do padre António Vieira, S.J., foram remetidos: **Rhetorica sagrada, ou arte de pregar e os Sermoens**.

Na Capitania, o lugar do livro em biblioteca ficou demarcado durante a presença do Bispo Dom Thomaz da Encarnação Costa e Lima (1723-1784). Chegado à Diocese em 1774, o cônego regente de Santo Agostinho, primeiro brasileiro a sentar-se na cadeira episcopal, trouxera uma grande coleção de livros e objetos, porque estudara e obtivera o grau de mestre em artes, na Universidade de Coimbra. Diplomara-se também pela Faculdade de Direito Civil, por fim, pela Faculdade de



Teologia, que lhe conferiu o grau de doutor. Em Coimbra fora eloqüente professor de história eclesiástica e um dos associados da Academia Litúrgica Pontifícia. Freqüentador da Corte em Lisboa, fora conselheiro do Marquês de Pombal. Dedicado aos estudos e às pesquisas documentais sobre a Igreja e o clero, “lente de história eclesiástica de um importante estabelecimento de instrução superior, como era a Academia Pontifícia, Dom Thomaz aprofundou os seus estudos, juntou imenso cabedal, colheu os mais raros e preciosos documentos, e enriqueceu as letras com uma inestimável e preciosa obra” (COSTA, 1983, v. 6, p. 334), a **Historiæ Ecclesiæ Lusitanæ: per Singula Soecula ab Evangelio Promulgato**, publicada em Coimbra entre 1759 e 1763, no **Ex praelo Academiae Pontificae**, em quatro volumes.

Entre Olinda e o Recife, Dom Thomas pronunciava memoráveis sermões, como a **Oração em acção de Graças pela conservação da vida do... Senhor Marquez de Pombal** proferida por gratidão e amizade, na matriz da Madre de Deus, em 21 de janeiro de 1776, texto posteriormente impresso em Lisboa, na Regia Off. Typografica (COSTA, 1983, v. 6, p. 337). Sua vasta biblioteca fez parte do acervo de objetos pessoais trazidos de Portugal e identificados no rol dos bens enumerados em inventário *post mortem*. Os livros foram avaliados por unidades ou lotes referentes ao conjunto de títulos de uma coleção, sendo o monte calculado em 17:145\$784 (dezessete contos, cento e quarenta e cinco mil, setecentos e oitenta e quatro réis). Na verdade, a estimativa deu idéia do preço de uma biblioteca selecionada, com peças sobre religião, filosofia, história, direito, belas-letas e dicionários. Entre os títulos estavam os **Discorsi predicabili sopra le domeniche dell' anno, cominciando dall'Epiffania sino á Quaresima et da Pasqua sino all' Advento** escritos por Maurilio di S. Britio e Carlo Antonio Cerri. Constavam do testamento o **Cathecismo doutrinal com praticas e Sermões para os Domingos, e festas principaes do ano...** de Rodrigo da Cunha, os **Discursos sobre a historia ecclesiastica** de Claude Fleury e os **Sermões**, do oratoriano Jean-Baptiste Massillon.

O interesse por uma vertente da comunicação não religiosa também se faria presente no Recife quando, em 1771, o Rei D. José I defendeu para as cidades:

o estabelecimento dos teatros públicos bem regulados, pois que deles resulta a todas as nações grande esplendor e utilidade, visto serem a escola, onde os povos aprendem as máximas sãs da política, da moral, do amor da pátria, do valor, do zelo e da fidelidade, com que devem servir aos soberanos, e por isso não só são permitidos, mas necessários (COSTA, 1983, v. 6, p. 313).

De imediata aceitação, foi construída e inaugurada, em 1772, a Casa da Ópera, para receber uma comédia composta por brasileiro a ser representada em teatro público (COSTA, 1983, v. 6, p. 314-5). A peça levada à cena, em verso, três atos, **Amor Mal Correspondido**, era do pernambucano Luís Álvares Pinto, poeta, músico, partícipe das sessões acadêmicas, professor régio, autor do **Diccionario pueril para o uso dos meninos, ou dos que principiaõ o ABC, e a soletrar dicções** (Lisboa, 1784). As experiências dramáticas se estenderam com **Ezio em Roma** (Lisboa, 1789), um elogio ao governador e capitão-general de Pernambuco, D. Thomaz José de Mello, escrito pelo pernambucano Francisco José de Sales. A peça **A Gratidão**, do ator Antônio José de Paula também fez parte do repertório de homenagens ao governador (COSTA, 1983, v. 6, p. 316).

Festas literárias ocorriam no palácio do governo, antigo Colégio dos Jesuítas, onde dramas, poesia e música eram apresentados. Poesia escrita em latim, língua dos eruditos, fazia parte das produções do clero secular e regular. Reuniões literárias foram abertas ao público pelos padres da Congregação do Oratório, na Madre de Deus, sempre “em comemoração de acontecimentos notáveis ou em honra de personagens ilustres” (COSTA, 1983, v. 6, p. 357). Em casas particulares, palestras, e outeiros poéticos nas festas religiosas e nas solenes conclusões ou defesas de teses nos conventos eram motivos para novas celebrações. Contudo, discussões em torno de livros ou leituras ocupavam, nos espaços privados, um tempo reduzido durante o processo que emergia da “esfera pública política” ou do lugar onde as pessoas faziam uso público da razão, qualquer que fosse sua condição social (HABERMAS, 1993, p. I-XV, 13-23).

Nessas oportunidades, os sentidos, os sentimentos, as sensações, os laços do conhecimento se estreitavam ou se desfaziam, em um processo de construção e coesão da sociedade colonial, que se mantinha sob o manto do controle das



autoridades, onde o monopólio do conhecimento estava em mãos de alguns letrados com forte concepção teológica do mundo. Ainda que, por trás dessas precárias manifestações literárias, estivesse em “desenvolvimento uma consciência de grupo entre os homens cultos” (CANDIDO, 1981, p. 78), que os levava a produzir e perceber a importância dos textos que tratavam do jogo de relações estabelecidas entre os homens e a realidade.

A partir de 1795, alguns títulos das belas-letas apareceram nas remessas autorizadas a circular no meio colonial: **Mercurio Historico Politico e Litterario de Lisboa**, periódico editado pelo editor e livreiro, Jean-Baptiste Reycend. E **Lisboa reedificada: poema épico**, de Miguel Ramalho. Em 1796 foram remetidos: o **Almanach**, da Academia Real das Ciências, acompanhado da comédia espanhola **Amor haze hablar los mudos**, bem como **Poemas**, de António Soares de Azevedo, **Obras**, de Luis de Camões, **Ulysses, ou Lisboa edificada: poema heróico**, de Gabriel de Castro, **Fabulas**, de Esopo e de Fedro, **Les aventures de Télémaque, fils d'Ulysse** (em francês e português) de Fénelon, **As primeiras quatro comédias, Lição e recreio, ou nova escolha de contos moraes, anedotas, novellas...** de Terêncio, **Tratado do sublime**, de Longino. Mais: **Contes moraux: suivis d'une apologie du Théâtre**, de M. Marmontel, **Theatro estrangeiro**, **Tragedia intitulada Mafoma, o profeta ou O fanatismo**, de Voltaire.

Em 1799, da metrópole foram enviadas obras destinadas a divertir, agradar, comover, revelar sentimentos, criar expectativas: **Aventuras de Ulisses na ilha de Circe: poema em oito livros**. Ainda, **Obras poéticas**, de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, **Novo divertimento para meio quarto de hora**, de Daniel Rodrigues da Costa, **Divertimento curioso ou novellas orientaes, compostas por hum sabio da Pérsia que da traducção francesa volveo em portuguez F. F. Y. T.**, e **Caer para levantar: comedia famosa**, de Don Juan de Matos Fragoso, D. Gerônimo Cancer, y D. Agustin Moreto. **Hermínia: tragédia**, de Francisco Soares Franco, **Obras poéticas**, de Valadares Gamboa, **Gazeta de Lisboa**. Além destas, vieram: **Pamela: comédie en prose**, de Carlo Goldoni, **Julieta e Claudina, ou as duas amigas rivais**, **Obras ineditas** de Aires Telles de Menezes e de Estevão Rodrigues de Castro. Também,

Outros anonymos dos mais esclarecidos da litteratura portugueza, dadas à luz fielmente trasladadas dos seus antigos originaes. Acrescido das Viagens de Gulliver a varios paizes remotos, de Jonathan Swift, e Noites de Young; Opúsculos; Pensamentos, de Edward Young.

Parte dos livros para divertimento veio trazida por Joze Antonio da Silva, um provável negociante, que daria a oportunidade de leitura ao que seria considerado, em futuro longínquo, por críticos literários de várias partes do mundo, a melhor obra de ficção de todos os tempos, **Vida y echos del ingenioso cavallero Don Quixote de la Mancha**, de Miguel de Cervantes. A lista foi acrescida pelas **Viagens d'Altina nas cidades mais cultas da Europa, e nas principaes povoações dos balinos, povos desconhecidos de todo o mundo**, de Luis Caetano de Campos, bem como das **Obras**, de Luís de Camões. Ainda, **Theatro eclesiastico de las iglesias metropolitanas y catedrales de los Reinos de las dos Castillas**, Gil Gonzalez Davila. E **La vie et les aventures surprenantes de Robinson Crusóé**, de Daniel Defoe.

Para os estudos difundidos entre as classes de gramática, entre outros, vieram o **Diccionario abbreviado da Fabula para intelligencia dos poetas, dos paineis, e das estatutas, cujos argumentos são tirados da historia poética**, de Pierre Chompré. **Magnum lexicon latinum et lusitanum**, do Frei Manuel de Pina Cabral. Ainda, **Mestre francez, ou novo methodo para aprender com perfeição, e ainda sem mestre a lingua franceza por meio da portugueza...**, de Francisco Clamopin Durand. E **Orthographia, ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza**, de João de Moraes Madureira Feijó. Cresceu a variedade de títulos, incluindo o **Discurso sobre a história universal, ao sereníssimo senhor Delfim: para explicar a continuação da religião, e as mudanças dos impérios**, de J.-B. Bossuet, bem como obras sobre medicina e biografia.

Temas laicos surgiram lentamente a partir de 1795, período regencial de D. João, quando questões científicas também foram ampliadas nos meios acadêmicos de Lisboa, de Coimbra e, por extensão, na Colônia. Mas onde, com quem, em que momento as publicações circularam ou foram lidas silenciosamente ou em voz alta, se foram discutidas, ou provocaram alegria ou desprazer não houve como identificar,



pela documentação até o presente localizada e compulsada. Muniz Tavares (1969, p. 31) assinalou ao descrever a cidade que “não havia biblioteca pública, necessidade absoluta de País civilizado: conservavam-se alguns livros, mas pouco escolhidos, e aferrolhados no interior dos conventos, onde nenhum profano ousava penetrar”. Eram os efeitos da dupla censura: a política preventiva da Coroa e a religiosa repressiva, da Igreja Católica.

A efervescência intelectual mostrava-se no interior dos conventos, nas salas dispostas a abrigar as academias onde as produções individuais eram apresentadas em festas. A comunicação oral prevalecia sobre a escrita. O pequeno número de leitores restringia a quantidade de títulos e de exemplares voltados para as possibilidades de ampliação do conhecimento não apenas da literatura, mas da história, da geografia, das ciências e das letras em geral.

Referências

BRASIL. MINC. **Projeto Resgate de Documentação Histórica sobre o Brasil Colonial Existente no Exterior “Barão do Rio Branco”** (1759-1808). Capitania de Pernambuco.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). Belo Horizonte Itatiaia, 1981. 2 v.

COSTA, F. A. P. da. **Anais pernambucanos**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1983. 10 v.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1966.

HABERMAS, Jürgen. **L’espace public: Archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise**. Paris: Payot, 1993.

MARTINS, William de Souza. A oratória sagrada na corte joanina e na regência do príncipe D. Pedro (1808-1822). In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DOS CONCEITOS, 7, 2004. Rio de Janeiro, **Painel**. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/artigos/guilherme_conferencia.pdf>

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Ophir, 2000. CD-Rom.

TAVARES, Muniz. **História da revolução de Pernambuco de 1817**. Recife: Casa Civil de Pernambuco, 1969.

VERRI, G. M. W. (Org.). **Registros do passado no presente**. Recife: Bagaço, 2008.

_____. **Tinta sobre papel: livros e leituras em Pernambuco no século XVIII**. Recife: EDUFPE, 2006. 2 v.

Notas:

¹ Gilda Maria Whitaker Verri, Prof.a Dra. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Ciência da Informação (DCI). E-mail: gmverri@yahoo.com.br

² Sermões sobre diferentes assuntos. [Tradução nossa]

